

AS MALDIÇÕES
NO LIVRO DE
Salmos

*Pedido de castigo divino
para os opressores dos justos
e para os inimigos de Deus*

ANTÔNIO RENATO GUSO

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	13
Introdução	15
1. O estado atual da questão das maldições no Saltério	19
2. Palavras hebraicas importantes para a questão das maldições	31
3. O poder da palavra proferida e sua aplicação nos salmos	45
4. O uso de maldições no Antigo Testamento, fora do Saltério	65
5. Salmos imprecatórios ou imprecações (maldições) nos salmos?	93
6. O contexto histórico dos salmos que contêm maldições	115
7. O objetivo das maldições nos salmos	125
8. A dificuldade atual para a interpretação das maldições nos salmos	159
Conclusão	167
<i>Referências bibliográficas</i>	171
<i>Índice remissivo</i>	183
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	187

PREFÁCIO

O livro dos Salmos é muito importante tanto para o judaísmo quanto para o cristianismo, sendo o principal texto de devoção da Bíblia Hebraica. Além disso, apresenta muitos conceitos relevantes (às vezes bastante complexos) que são o reflexo da fé de Israel/Judá em YHWH no período bíblico.

A mais nova obra de Antônio Renato Gusso, *As maldições no Livro de Salmos*, examina determinadas situações textuais delicadas e que requerem estudos aprofundados. Aqui, Gusso examina, de maneira ampla, vários trechos do Saltério relacionados com a temática da maldição, demonstrando para o leitor como lidar com o assunto. Todo estudioso dos salmos deve ler a nova publicação de Gusso, que traz a discussão mais recente a respeito do tópico.

Gusso tem publicado vários livros com temática bíblica, sempre abordando, seriamente, o texto original da Bíblia (seja o hebraico para a Bíblia Hebraica, seja o grego para o Novo Testamento), algo imprescindível para o contexto teológico em língua portuguesa. Com a sua nova publicação, Gusso contribui, mais uma vez, para o acervo de pesquisa bíblica séria em português, calcada nos idiomas originais do texto bíblico.

EDSON DE FARIA FRANCISCO
professor da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP),
autor de *Manual da Bíblia hebraica* (Vida Nova).

INTRODUÇÃO

As maldições faziam parte do dia a dia tanto de Israel quanto de seus vizinhos, e aparecem no Antigo Testamento em vários lugares, sendo utilizadas de muitas formas e em diversas ocasiões. Esse fato deveria levar o leitor da Bíblia a se acostumar a interpretar essas passagens como algo peculiar e normal daquela época e daquele contexto, mas nem sempre é isso o que acontece. A presença delas — especialmente no Saltério, um livro de orações sobretudo — ainda nos dias atuais causa desconforto aos cristãos menos informados. Pois, corretamente ensinados a orar pelo bem estar de seus próprios inimigos, como Jesus ordenou (Mt 5.44,45)¹ e Paulo reforçou (Rm 12.14)², não conseguem entender a razão da presença de palavras tão agressivas em algumas das orações de seus heróis bíblicos.

Na área de interpretação bíblica, existe uma luta muito grande a respeito da harmonização entre esse tipo de literatura veterotestamentária e o ensino cristão atual, uma vez que as maldições são amplamente contraditórias com o ensino neotestamentário — ainda que alguns já tenham chamado a atenção para a possibilidade de palavras do próprio Jesus terem sido entendidas pelos seus primeiros seguidores como armas mortais, como é o caso das famosas frases que se iniciam com o “Ai de vós...” (*uai de hymin* —

¹“Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai que está no céu; porque ele faz nascer o sol sobre maus e bons e faz chover sobre justos e injustos”.

²“Abençoai os que vos perseguem; abençoai e não amaldiçoéis”.

οὐαὶ δὲ ὑμῖν).³ Nessas tentativas, muitas vezes, o sentido real das maldições tem dado lugar a hipóteses fantasiosas, que procuram amenizar o impacto das ações dos salmistas. As intenções daqueles que assim agem podem até ser boas, e com certeza são, mas o estrago é grande, pois escondem o verdadeiro significado das passagens em questão.

Diante dessa dificuldade, surge a necessidade de um melhor esclarecimento quanto ao real significado (ou significados) das maldições que aparecem no Saltério, preservando, assim, as mensagens contidas nessa porção significativa da Bíblia. Deve-se, aliás, levar em conta que praticamente um terço dos salmos possui algum tipo de maldição, como será visto no decorrer deste livro. Isso bem mostra a importância desse assunto e, por isso, aqui procuramos responder à questão que diz respeito ao significado geral dessas maldições. Desejamos demonstrar que as maldições que constam do Saltério eram pedidos desesperados de socorro. Em última análise, eram pedidos de castigo divino para os opressores dos justos e, em algumas ocasiões, também para os inimigos de Deus.

Para tornar claro o que foi dito acima, partiremos do estado atual da questão (capítulos 1 e 2), uma visão geral do que tem sido dito por estudiosos desse tema. Verificaremos qual era e de onde vinha a crença no poder atribuído à palavra proferida, fosse ela profética, de bênção ou de maldição (capítulo 3) e, ainda, abordaremos algumas das formas de uso das maldições no Antigo Testamento, fora do Saltério, tanto por Israel como pelos seus vizinhos de outras nações (capítulo 4).

Em seguida nos voltaremos para o uso das maldições no próprio Saltério (capítulo 5). Trataremos da questão da nomenclatura utilizada para descrever essas composições; teremos de lidar com o difícil problema do contexto histórico dos salmos que contêm

³Leif E. Vaage, *Galilean upstarts: Jesus' first followers according to Q. Valley Forge* (Pennsylvania: Trinity International, 1994), p. 66.

maldições (capítulo 6) e analisaremos o objetivo principal das maldições à luz de seu uso dentro e fora do Saltério; veremos alguns exemplos do uso das maldições no Saltério (capítulo 7); e, por fim, examinaremos o motivo pelo qual algumas pessoas encontram tantas dificuldades na atualidade para uma boa interpretação dessas polêmicas e chamativas porções literárias utilizadas no Antigo Testamento (capítulo 8).

A abordagem será de natureza exclusivamente bibliográfica. Utilizaremos várias fontes para embasamento da argumentação apresentada. Entre elas, algumas versões da Bíblia Sagrada, comentários bíblicos, dicionários bíblicos, livros de teologia do Antigo Testamento, enciclopédias, dicionários de hebraico, livros de introdução ao Antigo Testamento, além de outros materiais relacionados ao tema aqui abordado. Também é bom destacar que, devido à dificuldade de se encontrar bibliografia adequada tratando diretamente desse assunto, muitas das informações foram coletadas em várias obras não relacionadas especificamente com o tema central, e, ainda, que alguns livros constantes das referências bibliográficas não são utilizados para confirmar ou apoiar algum ponto de vista teológico do autor, mas apenas para chamar a atenção do leitor para a superficialidade de algumas interpretações correntes.

Sellin⁴ e Halley⁵ foram escolhidos como base para os quadros que apresentam os contextos históricos dos salmos que aparecem no Saltério. Esses dois autores foram escolhidos exatamente por pertencerem a escolas de pensamento opostas. A intenção nesse ponto é mostrar a dificuldade da questão e a grande diferença que pode existir entre dois autores em relação a um assunto tão difícil e controvertido como esse.

⁴Ernst Sellin; Georg Fohrer, *Introdução ao Antigo Testamento* (São Paulo: Paulinas, 1977), vols. 1 e 2.

⁵Henry H. Halley, *Manual bíblico: um comentário abreviado da Bíblia* (São Paulo: Vida Nova, 1987).

Muitas versões bíblicas foram consultadas durante a execução desse trabalho, mas deve ser destacado, para um melhor acompanhamento e verificação das fontes, que o texto bíblico em português mais usado no trabalho, quando não citado de forma diferente em nota de rodapé, foi a versão conhecida como Almeida Século 21,⁶ e o texto hebraico o da *Biblia Hebraica Stuttgartensia*.⁷

As palavras gregas e hebraicas utilizadas no texto serão acompanhadas das respectivas transliterações para facilitar a leitura delas por parte de possíveis futuros leitores que não conheçam as línguas originais utilizadas na Bíblia. A transliteração do hebraico será feita de acordo com a proposta que apresento na minha gramática instrumental do hebraico,⁸ e os termos gregos seguirão as sugestões que faço em minha gramática instrumental do grego,⁹ ambas publicadas por Edições Vida Nova.

Dito isso, vamos à leitura!

⁶*Bíblia Sagrada Almeida Século 21*, 2. ed. rev. e atualizada de acordo com o novo acordo ortográfico (São Paulo: Vida Nova, 2010).

⁷*Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997).

⁸Antônio Renato Gusso, *Gramática instrumental do hebraico*, 4. ed. (São Paulo: Vida Nova, 2021), p. 23-54.

⁹Antônio Renato Gusso, *Gramática instrumental do grego*, 2. ed. (São Paulo: Vida Nova, 2021) p. 15-34.

Capítulo 1

O ESTADO ATUAL DA QUESTÃO DAS MALDIÇÕES NO SALTÉRIO

Este primeiro capítulo é dedicado à verificação do estado atual da questão, tema deste livro. É um diálogo com vários outros autores que já trataram do assunto de uma forma ou de outra. A intenção é deixar claro que ainda há espaço para uma obra dessa natureza, pois as maldições que aparecem no Saltério continuam sendo um grande problema para muitos intérpretes da Bíblia.

Como bem destacou Kilpp, a pesquisa moderna tem revelado que se encontram nos salmos uma linguagem e uma fraseologia destinadas ao culto em comunidade. Graças a isso, ainda hoje, o Saltério continua sendo o livro bíblico mais utilizado pelas igrejas cristãs. Os salmos, tão antigos, fazem parte da espiritualidade dos cristãos modernos.¹ Isso, em si, já é um bom motivo para investir tempo na solução do problema aqui abordado.

Mesmo sendo o livro canônico mais utilizado na liturgia atual, alguns dos temas de Salmos não têm sido tratados de forma exaustiva. Esse é o caso das maldições. Em muitas ocasiões, procura-se defender o cristianismo das aparentes contradições que o tema apresenta ou, simplesmente, ignorar a presença das maldições no Saltério. Foi o que fez, por exemplo, Henry M. Morris, em seu livro *Amostra de Salmos*.² Ele tratou de trinta e cinco salmos sem

¹Nelson Killp, “Os salmos como experiência de espiritualidade”, *Estudos Teológicos*, ano 23, n. 2 (1983): 142.

²Miami: Vida, 1986.

dizer uma palavra sequer a respeito das maldições. Ainda que ele tenha apresentado uma explicação versículo por versículo dos salmos abordados, ao chegar no salmo 139, o único de sua seleção que contém maldição, mudou o método e não explicou a passagem.

Ele fez aquilo contra o que Marina Mannati alertou:

Muitos cristãos sentem repugnância de apropriar-se dessas expressões de ódio, desses desejos de maldição. Muitos adotam a solução de suprimir poemas inteiros (Sl 58; 83; 109) ou passagens consideradas incompatíveis “com a delicadeza cristã”. Mas essa solução radical é simplista e nos dispensa de tentar compreender esses salmos.³

Derek Kidner, ao tratar do assunto, se manifestou assim na introdução de seu comentário de Salmos:

As transições repentinas nos Salmos, de devoção humilde para imprecisão ardente, criam um problema embaraçoso para o cristão, que tem certeza que toda a Escritura é inspirada e proveitosa, e que sabe, igualmente, que ele mesmo tem que abençoar aqueles que o amaldiçoam.⁴

Ele não aprofundou o tratamento da questão em si, mas, preocupado com o constrangimento que o tema causa aos cristãos, procurou, nas oito páginas em que discutiu o assunto, conciliar o que ele chamou de “gritos de vingança”⁵ que aparecem nesses textos, com a vida de fé do cristão atual. Com isso, parece não ter percebido que, mais do que gritos de vingança, são principalmente gritos de socorro dos justos oprimidos o que aparece na maioria desses salmos.

³Marina Mannati, *Para rezar os salmos* (São Paulo: Paulinas, 1981), p. 21.

⁴Derek Kidner, *Salmos 1—72: introdução e comentário* (São Paulo: Vida Nova, 1981), p. 38.

⁵Ibidem, p. 38-45.